

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM
PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

César Augusto Soares de Oliveira

**O sofrimento psíquico:
uma abordagem Fenomenológica existencial e daseinanalítica**

Belo Horizonte, MG

2023

César Augusto Soares de Oliveira

**O sofrimento psíquico:
uma abordagem Fenomenológica existencial e daseinanalítica**

Monografia apresentada à Pós-graduação Lato Sensu em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Madalena Magnabosco

Belo Horizonte, MG

2023

150 O48s 2023	<p>Oliveira, César Augusto Soares de</p> <p>O sofrimento psíquico [recurso eletrônico] : uma abordagem fenomenológica existencial e daseinanalítica / César Augusto Soares de Oliveira. - 2023.</p> <p>1 recurso online (26 f.) : pdf</p> <p>Orientadora: Maria Madalena Magnabosco .</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Sofrimento. 2. Saúde mental. 3. Fenomenologia. 4. Existencialismo. I. Magnabosco, Maria Madalena. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
---------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

O SOFRIMENTO PSÍQUICO: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL E DASEINANALÍTICA

CÉSAR AUGUSTO SOARES DE OLIVEIRA

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e dois de abril de 2023**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Maria Madalena Magnabosco - Orientadora

FAFICH/UFMG

José Paulo giovanetti

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 04 de abril de 2023.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 04/05/2023, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 04/05/2023, às 19:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2274271** e o código CRC **2269DC58**.

Dedico este trabalho àqueles que se apresentam diante do outro em um encontro verdadeiro e autêntico.

“Não se pode contentar com o raso e o superficial dos significados que nos oferecem”. (Branca Jurema Ponce, 2014).

“Às vezes basta uma mudança de Olhar, de foco. E a vida, pode se tornar mais bela, mais leve, quem sabe mais feliz”. (autoria própria, 2016).

“Tem dias que o cotidiano está ‘embaçado’... talvez o caminho seja viver devagarinho e se arrumar por dentro e, esperar florescer no coração a leveza na alma”. (autoria própria, 2022).

RESUMO

Os fins propostos deste trabalho direcionam-se a discorrer uma síntese com ênfase sobre o sofrimento psíquico a partir da perspectiva da fenomenologia existencial e daseinanálise, apresentando alguns pontos delineados sobre a composição em que o ser humano está inserido e as consequências agravantes para a saúde mental. A partir da leitura desta abordagem de tais fenômenos, pode-se pensar nas implicações deste Ser em contato com as adversidades que se apresentam no cotidiano da vida e as saídas para tal condição de existir, sendo que para cada um será diferente e responderá à sua maneira.

Palavras-chave: sofrimento psíquico, saúde mental, fenomenologia existencial, daseinanálise.

ABSTRACT

The proposed purposes of this work are directed to discuss a synthesis with emphasis on psychic suffering from the perspective of existential phenomenology, presenting some outlined points about the composition in which the human being is inserted and the aggravating consequences for mental health. From the reading of this approach to such phenomena, one can think about the implications of this being in contact with the adversities that are present in everyday life and the solutions for such a condition of existing, considering that for each one it will be different and will respond to their manner.

Keywords: psychic suffering, mental health, existential phenomenology, daseinanalysis

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O SOFRIMENTO PSÍQUICO.....	14
3 A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL E DASEINANALÍTICA...17	17
4 A CLÍNICA EXISTENCIAL.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho não tem a intenção de delimitar e restringir tais contextos em que se vive em especificidades, pois sabe-se que as características e necessidades de cada um inserido em um contexto real e sua história de vida são singulares, mas provocar uma reflexão inicial. Atualmente, a sociedade tem se transformado influenciada pelas condições macrossociais do território mundial, seja por condições geopolíticas, econômicas, históricas, sociais, culturais, sanitárias, epidemiológicas e tecnológicas. Diversos pesquisadores têm acompanhado esses processos das novas formas de relações sociais nos mais diversos espaços permeados por uma perspectiva global da realidade. Nesse sentido, tem-se produzido diversos conceitos que são elaborados com algumas nomenclaturas que caracterizam tal dinâmica da sociedade. De maneira diversa, cada estudioso contorna estas nomenclaturas que são denominadas ao longo das épocas e sem esgotá-las citaremos algumas como exemplo: a sociedade do espetáculo (1967) por Guy Debord; a sociedade do hiperconsumo (1970) e a era do vazio (1988) por Gilles Lipovetsky; a cultura do narcisismo (1979) por Christopher Lasch; mundo v.u.c.a – volátil, incerto, complexo e ambíguo - (1980) por *Army War College*; mundo bani – frágil, ansioso, não-linear, incompreensível (2018) por Jamais Cascio; a sociedade hiperconectada (1990) por Pierre Lévy; a sociedade da performance (1991) e a sociedade da fadiga-deprimida (1998) por Alain Ehrenber; a sociedade hedonista e materialista e vida light (1992) por Enrique Rojas; a sociedade líquida (1999) por Zygmunt Bauman; a sociedade do cansaço (2010) e a sociedade da transparência (2012) por Byung-Chul Han; a sociedade do desaparecimento de si por David Le Breton (2018) e a happycracia, fabricando cidadãos felizes (2022) por Edgar Cabanas e Eva Illouz.

Enfim, são inúmeras características que são teorizadas sobre a sociedade. Cada autor enfatiza elementos da dinâmica social com suas características e peculiaridades, sendo que estes atravessamentos podem ter sido provocados ou não na sociedade e independente de que maneira emergem tem gerado nos intercursos da vida de cada ser humano sofrimento e mal-estar. A Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou no final de 2022 a maior revisão global de saúde mental desde o relatório anterior em 2001. O trabalho detalhado fornece informações agravantes da transformação da saúde mental. Tal documento cita que as ameaças globais à saúde mental,

são os principais estressores estruturais com o potencial de retardar o progresso mundial em direção a um bem-estar melhorado. Eles afetam populações inteiras e, portanto, podem prejudicar a saúde mental e um grande número de pessoas. As principais ameaças atuais incluem: crises econômicas e polarização social; emergências de saúde pública; emergências humanitárias generalizadas e deslocamento forçado; a crescente crise climática e pandemia de COVID-19. (OMS, 2022, p.26).

Além da realidade macrossocial, na perspectiva microssocial a OMS destaca que a adversidade é um dos riscos mais influentes e prejudiciais à saúde mental,

riscos individuais, familiares e comunitários e estruturais podem se manifestar em todas as fases da vida, mas aquelas que ocorrem durante os períodos sensíveis do desenvolvimento da vida são particularmente prejudiciais, muitas vezes continuando a afetar a saúde mental por anos ou mesmo décadas depois. (OMS, 2022, p. 22).

E assim, designados pelos papéis sociais, a existência humana transita entre as urgências e emergências, entre pressões e cobranças, entre as necessidades concretas e as divagações abstratas, entre precariedades e vulnerabilidades, entre as necessidades imediatas e as necessidades a longo prazo, entre armadilhas e confinamentos, entre isolamentos e ausências, entre receios e incertezas, entre renúncias e perdas, entre ilusões e fantasias, entre impulsos e dependências, entre desamparos e abandonos, entre angústias e traumas, entre acidentes e tragédias, entre adoecimentos e doenças, entre anestesiamentos e medicalizações, entre as impessoalidades da utilidade e a pessoalidade dos significados, entre esgotamentos e resiliências, enfim, entre o caos e a escuridão.

Estas vivências podem se caracterizar como dicotômicas, mas são multifatoriais e inter-relacionadas, e ainda sim, esta visão pode parecer pessimista, catastrófica e melodramática, mas a medida que o ser humano vai naturalizando e dizendo “Tudo Bem” para as intempéries da vida, vai acumulando no cotidiano inúmeras condições e situações que o influem a desencadear em cada pessoa sintomas e crises específicas para cada um que o desorganizam a ponto de estar inserido numa vivência adversa.

Segundo a OMS (2022), as pessoas que sofrem de condições de adoecimento em saúde mental,

têm maior probabilidade de cair na pobreza devido à perda de emprego e ao aumento dos gastos com saúde. O estigma e a discriminação também podem minar suas estruturas de apoio social. Eles são vulneráveis a uma espiral descendente de perda de recursos e exclusão social que pode piorar as condições de saúde mental existentes e aumentar o risco de dependência química uso, malcuidados parentais ou fracasso escolar. Isso então reforça o ciclo vicioso entre pobreza e problemas de saúde mental. (OMS, 2022, p. 23).

E o que sucedesse nesta conjuntura é o apoderamento inapropriado por meio da politização, ideologização, capitalização, mercantilização, monetarização, espetacularização sensacionalista e midiática do sofrimento humano e, além disso há a indiferença, a omissão, a romantização, a glamorização, os comentários invasivos e a comparação evasiva. Não há como mensurar a intensidade daquele Ser que sofre por inteiro, pois o próprio Ser sabe mais sobre seu sofrimento independente de qual o seja. Quem sabe em algum dia ainda se aprenda a não desvirtua-la e nem manipula-la de maneira vil, menospreza-la e nem negligencia-la independente de qual condição, idade e época ocorra.

Durante o desenvolvimento do texto, de forma despretensiosa o intento principal deste estudo é compreender um fragmento dessa nova situação atual, sendo que a partir deste panorama, se pretende apontar e pensar acerca do sofrimento psíquico e os aspectos que o constituem baseados na fenomenologia existencial e daseinanalise. Esta monografia se compõem de três capítulos que abordam como parâmetros teóricos a abordagem fenomenológica existencial e daseinanalítica, ambas fundamentadas em alguns autores como Barbosa(1998), Feijoo(2009;2010;2011), Santos e Sá(2013) e Holzhey-kunz(2018) que fazem a partir das suas perspectivas uma leitura nas obras dos precursores da daseinsanálise Martin Heidegger, Ludwing Binswanger e Medard Boss. Cabe ressaltar a importância de não se refutar a leitura nas próprias obras destes precursores, uma vez que, pode-se perceber que a releitura de uma obra clássica se propõe a constar de contribuições a partir das leituras de seus autores. De acordo com Fogliatto (2007), a revisão de literatura é uma metodologia que reúne ideias originárias de várias fontes, com o objetivo de construir uma nova teoria ou uma nova forma de apresentação desta, para um tema já conhecido. Para tal fim, esta pesquisa se fundamenta em autores que nos possibilitaram reflexões acerca das questões que envolvem esta temática. Isto posto, no primeiro capítulo, apresenta-se alguns princípios e compreensões sobre o sofrimento psíquico, no segundo capítulo

adentra-se na abordagem fenomenológica existencial e daseinanalítica e os apontamentos desta base teórica e no terceiro capítulo se refere a alguns dos aspectos práticos desta clínica existencial. Assim, para continuar esta análise, passamos no próximo item a tratar acerca do sofrimento psíquico.

2 O SOFRIMENTO PSÍQUICO

Primeiramente, cabe esclarecer o termo sofrimento psíquico e a diferenciação do “sofrimento psíquico” de “doença psíquica”. Para Holzhey-Kunz (2018), que analisa estes termos, parte da compreensão que ao ser utilizado com o mesmo sentido em relação à “doença” designa-se tendencialmente antes o estado de fato objetivo e o “sofrimento” antes a disposição subjetiva. Para a autora “sofrimento psíquico” compreende-se nesta abordagem teórica “à relação do homem com o próprio Ser que, por isto, precisa ser caracterizada como “existencial” ou “ontológica” (2018, p.155), então, pode-se considerá-la como sofrimento existencial.

Em relação a compreensão do psiquismo, postula-se que não há, uma vez que, o que constitui o Ser do homem são suas pluralidades de vivências sem determinações e pré-sentidos dados. Ainda para Holzhey-Kunz (2018), esta abordagem contém elementos hermenêuticos orientados pela diferenciação entre Ser-aí “exitoso” e “fracassado”, “feliz” e “malogrado” que direcionam para a compreensão e da interpretação, o que indica que “procuram ver de qualquer forma como se manifesta os sofrimentos psíquicos e que restrições e pontos cegos resultam daí na condução cotidiana da vida” (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 161).

Ao analisar esta questão, Holzhey-Kunz (2018) descreve que quando alguém sofre com o próprio Ser, há um momento de abertura particular que não é afetada por algo em todo e qualquer sofrimento. Então, na concepção fenomenológica existencial, a autora faz a diferenciação entre temor e angústia que corresponde também em

distinguir entre tolerância ao medo e tolerância à angústia. Tolerância à experiência ontológica da angústia significaria reconhecer afirmadamente o desterro da própria existência, o que envolve a prontidão para se colocar frente a angústia e suportá-la. Isto só acontece como expusemos e fundamentamos em geral raramente e apenas por instante. A intolerância em face da angústia não é nada patológico, enquanto a intolerância ao medo, em contrapartida, é. (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 82).

Nesse sentido esta diferenciação de doença ou sofrimento parte da concepção fundamental para o ponto de partida terapêutico quanto para a postura terapêutica, se parte de que seria tratar uma doença ou descobrir e compreender um sentido velado. Assim, Holzhey-Kunz (2018) discorre ainda que o aspecto da

compreensão do sentido velado, para a perspectiva hermenêutica, parte de que “o sentido” designa aquilo que é compreensível: o que pode ser compreendido tem sentido, e, inversamente, tudo aquilo que é dotado de sentido pode ser compreendido que por plurissignificativo. Assim a autora relata que “o sofrimento existencial é um tipo particular de experimentar o próprio Ser e, de maneira correspondente de sofrer com ele” (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p.166-167).

Em cada época da história da humanidade em diferentes contextos o sofrimento humano emerge de maneira singular com suas peculiaridades, e nesse entrelaçamento entre o homem e o mundo a condição do sofrimento humano torna-se a ser considerada inerente à vida. Por este ângulo, diante do contexto contemporâneo, momento em que nos ateremos, Giovanetti (2019) o caracteriza como hipermodernismo, denominada pelo predomínio de elementos que influenciam na vida das pessoas. Estas influências são descritas pelo autor como sendo pelos menos de três tipos: no primeiro tipo considera que “se a importância do vínculo social era a base da organização da sociedade, hoje assistimos a um desmantelamento do vínculo dessa ordem como modo de ser baseado no princípio do indivíduo: primeiro eu, depois o outro” (p. 48); já no segundo tipo compreende que “as relações intersubjetivas são vividas na superficialidade. Ninguém quer saber dos valores e sentimentos prioritários de uma vida [...] A superficialidade é o tom das relações de amizade e mesmo das relações familiares” (p. 52); e, por fim, no terceiro tipo entende-se que “as relações humanas passam pela objetivação do outro. O outro só tem valor na relação com o eu, se servir para a afirmação do eu” (p. 54-55). Ainda de acordo com Giovanetti (2019, p. 50-57), o conjunto desses elementos condiciona nossa maneira de Ser para uma vida de ficção que toma o lugar da vida real e para uma formação da identidade fragmentada. Como descreve o autor, estas características provocam

um impacto na organização da vida humana, fenômeno nomeado de ‘alienação’, que nada mais é do que o obscuramento do ser, um apagamento de nossa maneira original de ser, um afastamento do que é mais próprio da pessoa [...] o desaparecer de si é um breve esquecimento do entorno, mesmo que seja de uma forma leve, menos dolorosa, como uma doença crônica de uma desarticulação psíquica. (GIOVANETTI, 2019, p. 57-58).

Como Giovanetti (2019) esclarece, o esquecimento do Ser provoca uma desorganização existencial nas dimensões estruturais da vida humana, nesse

sentido o autor destaca três aspectos vivenciais: a perda de sentido, a destruição da interioridade e a eclipse da alteridade. A posição do autor em relação a estes aspectos vivenciais é descrita da seguinte maneira:

[...] primeiro a 'Perda do sentido': o sentido é o aspecto da vida responsável pela direção da existenciais como predomínio do indivíduo, o homem tem que construir o seu próprio sentido. Estruturar o sentido da vida nesse emaranhado de direções apontadas pela sociedade contemporânea é o grande desafio para o ser humano. É, também, a grande fonte de sofrimento existencial.

[...] segundo a 'Destruição da interioridade': O mundo moderno está voltado para o exterior, essa é a sociedade da aparência. Se vive na superficialidade. Desconstrução e destruição da interioridade.

[...] e terceiro a 'Eclipse da alteridade': esvaziamento das relações interpessoais, objetificação do outro, desistência dos vínculos, a relação da intersubjetividade é esvaziada, indiferença com o semelhante e participação com o outro de modo impessoal. (GIOVANETTI, 2019, p. 59-63).

Após Giovanetti (2019) fazer essas descrições dos elementos e dos aspectos vivenciais, afirma-se que se tornam como diretrizes para o adoecimento. Segundo o autor, o adoecer

é um sintoma de como levamos a nossa vida, isto é de como organizamos o nosso viver dentro da sociedade em que estamos mergulhados [...] o adoecimento expressa o nosso posicionamento pessoal diante da vida mas revela um aspecto social que é o pressionamento do contexto social na nossa vida. (GIOVANETTI, 2019, p. 63-67).

A proposta apresentada por Giovanetti (2019), destaca que “o ritmo e as exigências da sociedade nos impõem respostas mais rápidas e eficientes diante das questões práticas da vida [...] provocam o fenômeno do estresse existencial, o do esgotamento e da exaustão que nos faz sentir vazios”. (p. 63-70). E continua ao dizer que o

fenômeno 'desaparecer de si' expressa o deslocamento para questões periféricas da existência, dificultando o cultivo do que é mais necessária para a realização humana, como por exemplo a elaboração do sentido da vida; [...] a outra forma é o tédio, desaparecimento da finalidade da vida [...] e a apatia, sentimento de insensibilidade emocional, uma falta de ânimo de energia, ou seja, falta de investimento emocional no que se faz, no que se engaja, desintegração do projeto de vida. (GIOVANETTI, 2019, p. 63-70).

É a partir de tal concepção que Giovanetti (2019) chama a atenção para que “só entendendo as forças presentes na organização social que influenciam a subjetividade é que podemos ter clareza maior sobre os tipos de adoecimentos próprios da época atual” (GIOVANETTI, 2019, p. 73).

3 A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL E DASEINANALÍTICA

Sabe-se que a Daseinanálise foi estudada e estruturada por Binswanger a partir de seus encontros e estudos com Heidegger. Entretanto, nesta monografia será privilegiado os estudos de Ana Maria Feijoo para buscar situar alguns fundamentos da perspectiva fenomenológica existencial e da daseinanálise. Os estudos da referida autora não esgotam as diferenças entre as abordagens da fenomenologia existencial e da daseinanálise, mas mediante o objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ela oferece subsídios para um início de compreensão dos estudos propostos.

Para tanto, como escreve Feijoo (2009) a Psicologia Fenomenológica Existencial, diferente da perspectiva Existencial Humanista, fundamenta-se na fenomenologia como método e na filosofia da existência. Com ênfase na existência humana, essa abordagem teórica tem se baseado em precursores como Sartre, cujo livro “Ser e Nada” foi publicado em 1943, pelos estudos de Ludwig Binswanger em conjunto a Martin Heidegger e também pela iniciativa de Medard Boss em realizar seminários ministrados por Martin Heidegger a psiquiatras e psicoterapeutas. De acordo com Feijoo (2009), esta proposta de pensamento sobre a existência do homem

pretende investigar o sentido da existência, para tanto recorre ao método fenomenológico a fim de suspender a qualquer juízo a priori do que é o homem, sem nenhuma proposta pragmática [...] toma a consciência em sua imanência e, portanto que se constitui na inseparabilidade eu-mundo. (FEIJOO, 2009, p. 53).

Para pensar o homem na perspectiva ontológica de Heidegger, se propõe compreendê-lo a não moldá-lo em aspectos que o constituem que sejam deterministas e fechados, mas que estaria em processo de singularização, ou seja, um movimento existencial que se dá pela rearticulação da existência. A vivência do EU fenomenológico caracteriza-se pelos fatos e pela realidade. Considera-se o EU como um processo moldado de vivências que constam de lembranças e expectativas dentro de um movimento contínuo que se reatualiza no presente, passado e futuro.

E para compreender o percurso da Análise Existencial, recorreremos aos escritos de Feijoo (2011) ao relatar que a partir dos estudos entre Ludwig

Binswanger com Martin Heidegger, aprofundou-se no detalhamento da obra “Ser e Tempo” onde se encontram duas referências que vão fundamentar sua clínica: a noção de projeto e de cuidado. Binswanger (FEIJOO, 2011) também ao estudar as obras fenomenológicas de Husserl, toma como referências a ideia considerar diversos aspectos e se interessar pela estrutura da intencionalidade, por via da compreensão e busca nas determinações existenciais, no próprio ato de existir, as condições de possibilidades do ser enfermo.

Na concepção de Binswanger (apud FEIJOO, 2011), a partir de seus estudos em Heidegger e Husserl, concluiu-se que

a psiquiatria médica encontrava-se muito preocupada com a estatística e suas referências de normatividade. E com estas referências, a psicopatologia elaborava as categorias de diagnóstico, com ênfase nos determinantes biológicos das enfermidades psíquicas. Desta forma, a ciência médica solidificava seus dogmas. Binswanger inquietava-se com a insuficiência destes estudos. Ele considerava que a psiquiatria se esquecia da existência propriamente dita, uma vez que sua visada se dirigia aos critérios endógenos ao existir. (FEIJOO, 2011, p. 30).

É a partir deste momento que há uma grande mudança de paradigma da *dasein* análise que a fenomenologia existencial propõe para se compreender o homem e de como observará o fenômeno do sofrimento e buscar compreendê-lo a partir das significações construídas nas relações intersubjetivas.

Então, em 1950, num congresso internacional de psiquiatria, em Paris, Binswanger apresentou uma conferência intitulada “A *Daseinsanalyse*”, que recebeu sua tradução francesa como “Analyse de la présence”, e em português tem se utilizado a terminologia alemã *Daseinsanalyse* ou *Daseinsanálise*. De acordo com Feijoo (2011), este termo foi utilizado por Binswanger, em 1941, para substituir a denominação “Análise Existencial”. Uma forma dos psicólogos e psiquiatras da época se opuseram ao determinismo e ao instrumentalismo das teorias científico-naturais e às psicologias científicas e ou psicodinâmicas do que caracterizar uma identidade positiva. Assim, a *Daseinsanálise* passa a designar

uma abordagem em psicologia e psiquiatria que mantém um diálogo rigoroso com as descobertas alcançadas em *Ser e tempo*. A partir desta aliança, passamos, então, a compreender o homem não mais como resultado de um determinismo, nem mesmo como forças e complexos psíquicos que agem de modo oculto nas expressões aparentes do homem. (FEIJOO, 2011, p. 31).

Nas palavras de Feijoo (2011), Binswanger constrói sua fundamentação de *Daseinsanálise* tendo como referências a obra de “Ser e Tempo” de Heidegger, amplamente e profundamente discutidas sobre a noção de projeto e cuidado. Para compreendê-las, tal noção refere-se a uma insuficiência do modelo natural, estatístico, normativo, determinístico que transcendem toda e qualquer existência,

a noção de projeto em Heidegger aponta para que as estruturas ontológicas dos modos de ser do homem sejam investigadas em sua temporalidade já que a cotidianidade se desentranha como modo de temporalidade. Diz Heidegger (1927/1989, p. 14): ‘o projeto de um sentido de ser em geral só pode se realizar no horizonte do tempo’. Projeto diz respeito ao sentido temporal da projeção da existência. A vida é um projeto já que se parte de um estar lançado, projetando a existência para algumas possibilidades e excluindo outras, porém, sempre desvelando possibilidades. Se a temporalidade constitui-se no sentido ontológico originário do ser-aí, então, cuidado deve precisar de ‘tempo’ e, assim, ‘contar com o ‘tempo’. (FEIJOO, 2011, p. 31-32).

Em um outro momento, a *Daseinsanálise* retorna a ser estudada por Medard Boss, Heidegger e outros psiquiatras e psicoterapeutas. Eles realizavam encontros regulares que aconteceram entre 1959 a 1969, que ficaram conhecidos como os “Seminários de Zollikon”. Estes estudos possibilitaram abrirem outras possibilidades de discussões referentes a uma clínica psicológica na perspectiva da fenomenologia hermenêutica de Heidegger.

Segundo Feijoo (2011), Medard Boss, ao publicar seu livro “Angústia, culpa e libertação”, apresenta sua fundamentação daseinsanalítica produzida durante dez anos com três trabalhos que elaborou sobre angústia vital, sentimento de culpa e libertação psicoterápica. Enfatiza alguns pontos sobre a clínica pensada nos pressupostos heideggerianos,

a inseparabilidade do orgânico e do psíquico, a angústia e a culpa como fatores de suma importância no âmbito dos psicicamente doentes e, por fim, o caminho para a libertação. Além destas, Boss pensou muitas outras questões em psicologia, tais como o ser-doente, os distúrbios psíquicos e a psicossomática. Para o exercício clínico trouxe como contribuição a interpretação dos sonhos a partir de uma tematização de sentido que aquele que sonha atribui ao sonhado. (FEIJOO, 2011, p.32).

Feijoo (2011) destaca que Boss enfatiza como questões fundamentais a angústia e ao tédio desenvolvidas por Heidegger a partir de 1930 que são

determinantes do modo como experimentamos o mundo e, portanto, para o modo que nos encontramos em um espaço compartilhado. Enfim, são afinações da convivência que não só acompanham nossos atos como também determinam a temporalidade que acompanha as nossas ações. (FEIJOO, 2011. p. 33).

Apesar de que Heidegger tenha dado o seu aval à proposta da *Daseinsanálise* de Boss, este ainda constam resquícios de uma psicodinâmica, tal como pode ser observado

ao se referir à angústia e à culpa como sendo os fundamentos básicos para livrar os pacientes com sintomas psiconeuróticos de seus aprisionamentos (Boss, 1988, p. 42). Em outro trecho, Boss afirma que a principal meta da psicoterapia é conduzir os pacientes para a capacidade de amar e confiar (Boss, 1988, p. 43). Estes, dentre outros trechos, colocam em dúvida se a clínica em Boss ainda tem ou não pretensões interventoras, que pretendem levar o analisando para um objetivo com ênfase valorativa. (FEIJOO, 2011, p. 34).

Ao analisar esta questão, Feijoo (2011) discorre que a *Daseinsanálise* não foi incluída no contexto da psicologia de maneira abrangente, devido a divulgação restrita em grupos e por manter elementos da psicologia humanista e psicodinâmica ainda com uma falta de um aprofundamento, detalhamento mais apurado, além da falta de uma sistematização e delimitação teórica. Parece que este cenário tem mudado com o tempo devido aos inúmeros estudos e produções teóricas atuais.

4 A CLÍNICA EXISTENCIAL

Conforme aponta Feijoo (2011), a clínica psicológica que se apresentará aqui recebeu, em 1941, a designação de *Daseinsanálise*, em um congresso de psicoterapia, realizado em Paris. Foi Binswanger quem assim denominou esta modalidade clínica, inspirado nas noções de projeto e cuidado que se encontram discutidas em *Ser e Tempo* (HEIDEGGER, 1927/1989). A de-nominação de *Daseinsanálise* foi mantida por Medard Boss que, no desenvolvimento de sua clínica, enfatizou principalmente, a angústia e o tédio. Tanto Binswanger quanto Boss buscaram em Heidegger elementos para a elaboração de suas *Daseinsanálises*. O filósofo da *Daseinsanálise* – Heidegger – sustenta em sua filosofia a possibilidade de elaboração de uma clínica.

Ainda como relata Feijoo (2011), foram os psiquiatras Ludwig Binswanger e Medard Boss, a partir de Heidegger, que vão denominar o exercício da analítica em uma perspectiva ôntica de *daseinsanálise*, ou seja, a relação do homem com problemas existenciais. Enquanto um faz seus estudos com a noção de tempo, o outro o faz sobre a noção de espaço, ou seja, como a atmosfera do horizonte histórico incide nos encadeamentos de convivência com o qual nos relacionamos.

Pode-se destacar que a importância de uma postura frente ao fenômeno da existência pressupõem compreender o EU como fenômeno, suspendendo qualquer teoria acerca da existência humana, tentando aproximar-se do fenômeno. Nesse caso, a temática e suas descrições dos acontecimentos é trazida pelo analisando, e assim possa compreendê-la tentando descristalizar os comportamentos sedimentados, de modo que ganhe liberdade e flexibilidade. Assim, a filosofia da existência recorre ao método fenomenológico a fim de suspender qualquer juízo a priori do que é o homem, sem nenhuma proposta pragmática e uma atitude antinatural. Em relação ao cuidado, refere-se a um lugar central e determinado na estrutura ontológica que o analista em um diálogo clínico deve estar frente àquele que o procura inquietado pela angústia e pelo tédio.

Barbosa (1998) também revista e caracteriza de acordo com a obra de Heidegger, a noção de Ser no mundo. Ao examinar esta questão elucida que o Ser do ponto de vista existencial não implica uma questão abstrata, mas uma questão eminentemente concreta ao considerar que seja o Ser de um ente. Compreende-se

tal concepção de Heidegger sobre a palavra Ser como que já possuímos na vida cotidiana um certo grau de conhecimento do Ser, ao afirmar que “para se alcançar uma compreensão do ser é preciso, em primeiro lugar, analisar o ser do ente que coloca a questão do ser, isto é, o ser do homem, o dasein” (BARBOSA, 1998, p. 3).

Ao analisar essa situação, o que Barbosa (1998) indica nesse trecho é que

a investigação fenomenológica de Heidegger é de caráter ontológico, isto é, busca as determinações essenciais do ser dos entes. Dessa maneira, pretende sempre situar-se aquém do plano empírico ou ôntico (dos entes) e constituir-se na condição de possibilidade do mesmo. Assim, as estruturas ontológicas explicitadas na análise do dasein (como ocupação, disposição, compreensão, discurso) não devem ser confundidas com aqueles que seriam os seus correlatos ônticos ou empíricos (afeto, desejo, conhecimento, linguagem) - na verdade, tais estruturas são a fundamentação existencial dos mesmos. (BARBOSA, 1998, p. 3).

Para tanto, salienta-se que “o Ser no mundo pode ser visivelmente desmembrado em três partes, que são seus momentos constitutivos: o ‘ser’, o ‘mundo’ e o ‘em’, em outras palavras, o mundo em que o ser é, o quem que é no mundo, e o modo de ser-em em si mesmo” (BARBOSA, 1998, p. 4).

Barbosa (1998) também analisa o sofrimento do Ser em Ludwig Binswanger, ao destacar essa situação e afirmar que

ele procura reconhecer a enfermidade como um estilo ou modo particular de Ser no mundo, como variação ou “distorção” da estrutura ontológica do Ser no mundo. Compreender a enfermidade é identificar sua ‘essência antropológica’, isto é, as condições antropológicas de sua possibilidade (pois a modalidade existencial em que consiste a enfermidade, mesmo sendo uma distorção da estrutura fundamental do Ser no mundo, só é possível a partir desta estrutura, já que é uma variação da mesma). Uma antropologia, com efeito, em sentido amplo, deve evidenciar os modos de Ser básicos e as possibilidades concretas e gerais do ser humano. (BARBOSA, 1998, p. 9).

Binswanger dispensa um método fenomenológico de reflexão que busca atingir a essência da enfermidade com base em suas manifestações concretas para alcançar essa evidência antropológica. Barbosa (1998), por exemplo, argumenta que ele

examina frequentemente a significação antropológica de expressões da fala cotidianas referentes aos fenômenos em causa (que muitas vezes apreendem de modo intuitivo o ser da ‘doença’), e se vale ocasionalmente de informações sobre o comportamento humano em outras culturas. A identificação de uma essência antropológica corresponde, do ponto de vista

analítico existencial, ao delineamento de uma estrutura. Só a partir das condições antropológicas de possibilidade se pode compreender o sentido de uma sintomatologia. Está de antemão fadada ao fracasso qualquer tentativa de derivar a doença a partir da relação entre humores fundamentais e independentes, postulando-se, por exemplo, que um determinado sentimento possa desencadear um determinado comportamento ou sintoma. Mesmo que se identifique esse sentimento como surgido a partir de uma certa situação (situando-o portanto num contexto comportamental), o problema residirá em estabelecer essa relação termo a termo entre situação causadora e sintoma. Embora muitas vezes as coisas pareçam se dar dessa forma, pode estar por trás dessa aparência uma estrutura geral da modalidade existencial do indivíduo que, não se dispusesse ela dessa forma, talvez aquela conexão causal não se estabelecesse. O modelo do ‘distúrbio primário’ muitas vezes incorre nesse erro. Se a ideia de ‘distúrbio primário’ tem a vantagem de retirar da base da enfermidade qualquer elemento intencional (no sentido de intenção consciente), ela não é, contudo, o fundamento último, pois não encerra seu sentido em si mesmo, já que só encontra sua razão de ser na estrutura do ser no mundo. (BARBOSA, 1998, p. 9).

Segundo o autor, para Binswanger, a Daseinsanálise se posiciona aquém da distinção e a intenção de distúrbio primário, antecedendo-a a compreendê-la com-sentido e, ou sem-sentido, uma vez que, o Ser coincide com a unidade fundamental do Ser no mundo, não há algo que seja sobre esse Ser e seja sem sentido.

Neste aspecto, a perspectiva fenomenológica existencial compreende o sintoma ou uma síndrome descartando como algo individual, mas como um modo de Ser no mundo, ou seja, de como se instalou na estrutura do Ser no mundo. Assim, a Daseinsanálise busca compreender a condição de cada um, se o fenômeno que emerge se mostra como uma “distorção” da estrutura do Ser no mundo, então, desse modo passa a ser considerada parte das vulnerabilidades e possibilidades existenciais.

Como aponta Feijoo (2010) em “Ser e Tempo” de Heidegger, ser-aí ou ser-aí-no-mundo refere-se como

uma totalidade estrutural que se mostra na cotidianidade mediana, imprópria e impessoal, porém sempre como abertura para possibilidades de outras formas de expressão, quais sejam pessoais, próprias e singulares. Ser-aí constituiu-se em um ente aberto às possibilidades – logo, em liberdade em seu modo de ser. Constitui-se, então, no jogo do impróprio e do próprio. Na verdade, nada se estrutura como definitivo, pois é o próprio caráter de abertura, que abre sempre às possibilidades – tanto em direção à autenticidade como a inautenticidade. (FEIJOO, 2010, p. 120-121).

Feijoo (2011) destaca que a clínica fenomenológica se aproxima do fenômeno suspendendo qualquer teoria acerca da existência humana, para que assim possa se aproximar da questão trazida pelo analisando. Para tanto, que se interpreta de forma

hermenêutica são os encontros de horizontes que consistem no que se fala e no que se escuta. Sendo que estes horizontes perpassam a apreciação da aparição da questão (fenômeno) suscitada pelo encontro clínico. Assim, a tarefa de uma clínica daseinsanalítica baseia-se

primeiramente, no fato de que o analisando deve ser o mais preciso possível em suas descrições e o analista deve, incessantemente, atentar para as interpretações do paciente, tentando, assim, alcançar uma compreensão daquilo que está em jogo na descrição do analisando. Em continuidade a esta tarefa, precisamos, também, quebrar ou destruir os comportamentos ontológicos presentes nas descrições do analisando. Esta clínica consiste em abrir um espaço para que o outro se conquiste em sua alteridade. Abrir espaço, sem conduzir; traduzir, sem mapear um caminho que leve a algo como uma conscientização. (FEIJOO, 2011, p. 34-35).

Feijoo (2011) esclarece que em uma visão hermenêutica fenomenológica, o problema é aprisionado nas histórias e nos modos como cada um vai sufocando não o problema que se tem, mas o problema que cada um é. Então, a tarefa de uma clínica fenomenológica consiste em

quebrar o aglomerado de vivências que se dão na mistura de campos intencionais e que provocam a quebra do fluxo do tempo do eu. E, assim, possibilitar que o instante e lugar do acontecimento se deem. Abrimos espaço para que o analisando possa aperceber-se das suas vivências próprias e a colocar-se diante do campo intencional em que o fenômeno se constituiu. Enfim, em uma narrativa fenomenológica, importa o modo como uma hermenêutica fenomenológica vai se dando, em um horizonte fundido, abrindo espaço para que o analisando apareça para si mesmo. (FEIJOO, 2011, p. 35).

Em vista desses aspectos, Feijoo (2011), ao examinar a atitude fenomenológica do analista, descreve que o analista deve ter uma postura antinatural, que não diagnostica e nem interfere, mas posiciona-se de modo que aquele que está dizendo alguma coisa ganhe voz em si mesmo. E continua a discorrer que no interior da interpretação clínica,

o analista coloca em suspensão seus pressupostos e, assim, deixa que as interpretações de sentido surjam por aquele que se reconhece estranho a si mesmo, apenas articulando quais são os pressupostos que combaterá, bem como o modo cuidadoso com que vai fazer o combate. O analista, atendo-se a todo o detalhamento de como se dá o acontecimento em questão, dará prosseguimento ao desvelamento da estrutura de sentido em jogo nesta situação. E assim solicita e incita a descrição do que vem acontecendo com o analisando. Age desta forma para que a questão apareça, no final das contas, para o próprio que a coloca. Trata-se de fazer emergir o horizonte mais originário da transformação. (FEIJOO, 2011, p. 35).

Segundo a autora, Heidegger enfatiza que é por meio da angústia e do tédio que aparece a crise do projeto impessoal, da qual nasce a singularização, assim um analista não deve “desprezar os horizontes hermenêuticos que estarão presentes na situação clínica. E o que de fato se interpreta são os encontros de horizontes, que consistem precisamente no que se fala e se escuta, a partir de uma relação intencional” (FEIJOO, 2011, p. 35). Portanto, estes choques de horizontes é o horizonte de aparição do que acontece no encontro clínico, ou seja, da aparição da coisa. E que ao fundir estes horizontes abrem espaços para que o outro apareça para ele mesmo. Para tanto, o que o analisando diz vai ser escutado a partir do horizonte compreensivo do analista, porém o analisando é a orientação, a medida.

De acordo com Feijoo (2010), a Clínica Existencial possibilita um

pensamento mediante, abrindo a possibilidade àquele que, em angústia, clama pelo seu poder-ser mais próprio, de reconhecer-se como ser-para-a-morte, pois, ao encontrar-se perdido no impróprio, obscurece a sua possibilidade mais própria. Neste querer-ter-consciência, pode descobrir-se em sua liberdade, tanto o que se refere à utilização das coisas, como no seu próprio fazer-se no mundo. Pode, ainda, descobrir sua serenidade no “inútil”, e não ansiar para se tornar um objeto de utilidade, para adequar-se às exigências do mundo do *das Man*”. (FEIJOO, 2010, p. 119).

Por meio dos argumentos apresentados até aqui, pode-se dizer que a clínica existencial auxilia o ser humano na compreensão das vulnerabilidades e possibilidades e no desenvolvimento de recursos para lidar com as adversidades do existir. Para Santos e Sá (2013, p.58), é “um movimento de apropriação dos modos cotidianos e impessoais de ser e uma singularização do existir”. Passa, portanto, pela disposição da angústia, pela antecipação do ser-para-a-morte e pela “de-cisão” por um poder-ser próprio e singular. E como descreve Élide Sigelmann (apud Feijoo, 2010, p.5) que é através da linguagem que o ser se revela

desde que a escuta possa se abrir à experiência da verdade no interior de quem fala e discernir o ser como é a aparência tal como se mostra. Neste agir encontra-se a *techné* como modo de desvelamento; um saber que possibilita o caminho do inautêntico para o autêntico um caminho cheio de angustia e temor, mas é está angustia que revela o ser como possível – isto é, o pode ser. (FEIJOO, 2010, p. 5).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho possibilitou demonstrar uma breve leitura deste cenário contextual de vida de um modo analítico a fim de compreendê-lo sem vieses que possam vir a ser tendenciosos. E com relação a tal tema percebe-se um espaço abrangente de acepções e atravessamentos de elementos macrossociais que transitam no decorrer da história da humanidade, entre o passado, o presente e um presente tendenciando para a elaboração de um futuro.

Teve-se na história da humanidade, perspectivas antropocêntricas, teocêntricas, eurocêntricas, etnocêntricas, e que atualmente na contemporaneidade o ser humano está sendo destituído de sua humanidade e sendo transformado em um elemento funcional do sistema, provocando um estado confusional em que nada parece mais distante da realidade. Ao passo que nada mais faz sentido, não entendendo nada e não conseguindo explicar minimamente as coisas, assim com a escassez de discernimento ludibriasse de narrativas superficiais sem se aprofundar em questões e assuntos relevantes, fazendo com que iniba e considere desnecessário o pensamento lúcido. Por isso, muitas vezes as pessoas percebem o simples transformando-o em simplório o que de fato é complexo, vivendo o que é efêmero, superficial. Os que enxergam ficam cegos e deixam passar diante os olhos a verdadeira luz que desofusca e possibilita ver com nitidez o que realmente importa e tem valor, enganados vivem iludidos por desconhecerem o essencial.

Dentro desta perspectiva macrossocial ao movimentar-se para uma perspectiva microssocial do humano, a pessoa imersa nestas forças e condições sociais pode não se identificar e ser impedida de modo que não se sinta pertencente ao seu contexto, conduzindo-a para aspectos de afastamento, isolamento e exclusão.

Há uma ênfase no papel do ser humano na condução de sua própria vida que o denominam como gerenciamento de si mesmo, que tende a ser determinista ao compreender que o ser humano seja o responsável, quase que sozinho, por sua própria condição existencial, isentando deste processo mais amplo, os vínculos externos dele com grupos em que convive e os contextos macrossociais e microssociais da sociedade em que vive. Em razão das divisões sociais emanar certo “*status*” em sociedade e também ocorrer de maneira velado ou explícito certo controle social entre as pessoas, na maioria das vezes vem prejudicando direta e, ou

indiretamente este processo de Ser no mundo e de inserção em diferentes ambientes e espaços de convívio social, seja no âmbito macrossocial através das categorias sociais e, ou no âmbito microssocial através dos grupos e pares de interesses comuns, o que conseqüentemente mantêm certa hierarquia social. Ao ocorrer certas restrições para que cada um possa realizar e agir de maneira extensa seu modo de existir possibilitando diversificadas existências desde que dentro de uma perspectiva coerente e autêntica de existir, incita um acercamento para o sofrimento e mal-estar.

Em vista de todas estas análises sobre o sofrimento existencial na perspectiva fenomenológica existencial e *dasein* análise, possibilita compreender os elementos envolvidos na sua origem e também os princípios norteadores para dirigir-se a ter uma perspectiva existencial de Ser no mundo. E bem como também trabalhar tais perspectivas no *setting* terapêutico onde a pessoa em sofrimento busca auxílio do profissional nesta abordagem teórica. Pode-se observar como características a não objetificação do analisando e nem a utilização apenas da técnica pela técnica, mas principalmente promover um encontro relacional entre dois seres. O que vem possibilitar na dimensão ontológica o modo em que se faz a leitura da própria existência à luz da liberdade de sentido. E é neste cuidado que implica um compromisso para a realização do outro, em benefício da sua própria autenticidade. Diante do exposto, o cuidado somente pode ser vivenciado na situação que se apresenta no aqui-agora e em um encontro relacional em que se ocupa com o outro. E que ninguém se engane, para alguns só se consegue tal postura através de muito esforço.

Vale ressaltar que de modo despretensioso todo fragmento delineado, analisado e produzido no decorrer deste trabalho realizado torna-se um início e um complemento atual para se pensar tais contribuições. Neste sentido, considera-se que os aportes aqui investidos, venham corroborar efetivamente e repercutir para se pensar no que fazer nos âmbitos do sofrimento humano e na colaboração para as transformações profícuas e salutares que promovam o bem-estar pessoal e bem comum em sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Márcio Ferreira. A Noção de Ser no Mundo em Heidegger e sua Aplicação na Psicopatologia. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, v. 18, n. 3, p. 2-13, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931998000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/8GyPD5kC6VwFqSYYrD4PBnt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2023.

FEIJOO, Ana Maria Lopez de Calvo (org.). **Psicologia clínica e filosofia**. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2009.

FEIJOO, Ana Maria Lopez de Calvo. **A escuta e fala em psicoterapia**: uma proposta fenomenológica-existencial. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

FEIJOO, Ana Maria Lopez de Calvo. A Clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. **Revista da Abordagem Gestáltica**, ano XVII, n. 1, p. p. 30-36, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n1/v17n1a06.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FOGLIATTO, F. **Organização de textos científicos**. 2007. Disponível em: http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/146_seminario_de_pesquisa_2_diretrizes. Acesso em: 20 fev. 2023.

GIOVANETTI, José Paulo. O adoecimento existencial no século XXI. *In*: GIOVANETTI, José Paulo; CARDOSO, Cláudia Lins (orgs.). **Sufrimento humano e cuidado terapêutico**. Belo Horizonte: Artesã, 2019, p. 47-74.

HOLZHEY-KUNZ, Alice. **Dasein análise**: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento existencial e seu tratamento. Traduzido por Marcos Casanova, Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Informe Mundial de Saúde Mental**: Transformar a saúde mental para todos. [S. l.]: OMS, 2022.

SANTOS, Danielle de Gois; SÁ, Roberto Novaes de. A existência como “cuidado”: elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Revista Abordagem Gestalt**, v. 19, n. 1, p. 53-59, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a07.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.